

O pai distante: marcas da (im)potência na análise de um homem* **2**

Maria Virgínia Filomena Cremasco Grassi**
Mário Eduardo Costa Pereira***

JOSÉ – ESFORÇO PARA SER-TER POTÊNCIA

Quando inicia a terapia, José diz que está namorando há 3 anos e como no momento estava noivo e pretendia se casar em breve, queria resolver seu problema de ejacular muito rápido pois mesmo tomando Viagra e tendo ereções com sucesso estas duravam muito pouco tempo a ponto de atrapalhar sua vida sexual. A recuperação medicamentosa de sua capacidade eretiva não recupera sua sexualidade que fica prejudicada pelo irrompimento de uma rapidez ejaculatória, revelando que a ansiedade excessiva toma corpo na formação de um novo sintoma.

* Parte da pesquisa de doutorado da autora/FAPESP – Depto. de Psicologia Médica e Psiquiatria.

** Psicóloga. Doutoranda em Saúde Mental – FCM-UNICAMP. Professora no curso de especialização em Sexualidade Humana da UNICAMP e membro da Sociedade Campineira de Estudos em Sexualidade Humana.

*** Psiquiatra e psicanalista. Professor do Depto. de Psicologia Médica e Psiquiatria da UNICAMP. Doutor em Psicopatologia Fundamental e Psicanálise pela Universidade de Paris 7. Diretor do Laboratório de Psicopatologia Fundamental da UNICAMP. Autor de *Pânico e desamparo* (Escuta, 1999).

Recebido em 01.04.00

Aprovado em 31.04.00

Sem o remédio não conseguia ereção suficiente para penetração. Na masturbação considerava seus orgasmos normais. Por fim deixa a impressão de que tem um “problema sexual sério” a ser tratado rapidamente e com isto entende-se todas as suas dificuldades sexuais desde então.

De sua história de vida José relata que os pais foram muito pobres e conseguiram certa condição financeira por esforço do pai. Parou de estudar, a contragosto dos pais, antes de terminar o ensino fundamental e com 11 anos começou a trabalhar por decisão própria em uma fábrica esforçando-se ao máximo para se sobressair aos outros garotos que tinham a mesma função mas, segundo ele, “gostavam de bagunçar e brincar”. Todo o seu tempo dedica ao trabalho, fazendo horas extras ou acumulando funções para ganhar mais dinheiro.

De sua infância José se lembra muito pouco pois após os 11 anos tudo o que ficou foi o trabalho. Diz que admirava os pais dos amigos que levavam os filhos para brincar e jogar bola nos fins-de-semana pois seu pai nunca os levavam passear, não saía para jogar bola, nem os levavam à escola. Admirava o pai que sempre deu todo o sustento material em casa e eles nunca passaram necessidade apesar de tudo ser muito simples, sem luxo. Sentiu e sente ainda muita falta da presença do pai que parecia sempre estar “na dele” não se importando com outra coisa senão o trabalho.

José admite que sua compulsão pelo trabalho tem muito a ver com essa figura do pai e que “fazer sempre, muito, é para provar que sou alguém”. Nesse momento José começa a reconhecer um vazio em si e que ele denomina como “eu não sou ninguém, me sinto com medo das coisas, inseguro. Todos sempre parecem melhores que eu e fico só, não sou nada”. É esse sentimento secreto que alimenta seu ódio camuflado ao se comparar com os outros e sempre se sentir inferiorizado diante daqueles que denomina “doutores”.

Num primeiro instante poderíamos apontar para o que surpreende na história da infância de José – a sobrecarga a que se submeteu tão precocemente com conseqüentes adoecimentos – embora não seja isso que ele tenha conseguido nos apresentar no início de seu tratamento psicoterapêutico, e esses conteúdos aparecem apenas após o rompimento de seu noivado que ocorre alguns meses após o início da terapia. Esse rompimento parece marcar também uma importante etapa em sua análise pois é a partir daí que ele sente que o tratamento fica ameaçado (ou o ameaça?) – ele imagina que sem ter relações sexuais não poderá continuar se tratando.

ASPECTOS TRANSFERENCIAIS – REPETIR PARA SOBREVIVER

Podemos ainda pensar sobre o que ocorria com José que o levou a imaginar o fim de sua análise. Porque não tinha mais uma noiva? Os espec-

tos transferenciais posteriores ao fatídico rompimento parecem nos dar pistas de quais caminhos trafegavam as fantasias inconscientes de José.

E somos assim levados à descoberta de que todas as relações emocionais de simpatia, amizade, confiança e similares, das quais podemos tirar bom proveito em nossas vidas, acham-se geneticamente vinculadas à sexualidade e se desenvolveram a partir de desejos puramente sexuais, através da suavização de seu objetivo sexual, por mais puros e não sensuais que possam parecer à nossa autopercepção consciente. Originalmente, conhecemos apenas objetos sexuais, e a psicanálise demonstra-nos que pessoas que em nossa vida real são simplesmente admiradas ou respeitadas podem ainda ser objetos sexuais para nosso inconsciente. (Freud, 1912, p. 116-7)

A acentuada gratidão ao tratamento e, indiretamente, à terapeuta, parece ser uma reação externa aos sentimentos internos eróticos e amorosos que poderia estar vivenciando e que com o rompimento de seu noivado podem ter-lhe sido ameaçadores. Lembramos ainda que a concorrência interna entre desejo, ameaça e proibição nunca se dá de forma simples o que significa que quando falamos de sentimentos eróticos estamos também nos referindo à hostilidade, também presente, que mobiliza defesas e que acentuaria ainda mais a fantasia de José de necessidade de rompimento com a terapeuta.

Esse modo inconsciente de agir de José que aparece na transferência, no qual diante de uma carga emocional de excitação erótica, há um retraimento psíquico que aponta para a necessidade de rompimento com o objeto de desejo, parece ser uma repetição, como nos diz Freud, do que vem realizando, sem o saber, ao longo de sua vida para lidar com o desejo reprimido: “podemos dizer que o paciente não *recorda* coisa alguma do que esqueceu e reprimiu, mas expressa-o pela atuação ou atua-o (*acts it out*). Ele o reproduz não como lembrança, mas como ação; *repete-o*, sem, naturalmente, saber que o está repetindo”. (Freud, 1914, p. 165)

DEFESAS E SINTOMAS – ATALHOS PARA A SOBREVIVÊNCIA PSÍQUICA

Isso parece iluminar nossa compreensão do que aconteceu com aquele garoto que, aos 11 anos, renunciou precocemente à sua infância e às descobertas sexuais próprias dos pré-adolescentes (associadas geralmente a freqüentes masturbações) para imergir num mundo adulto e estressante de trabalho que o afasta totalmente daquelas descobertas (e possíveis contatos?). Essa renúncia tem, contudo, um alto preço para José que mergulha, a

partir daí em uma série de sintomas, muitos dos quais indecifráveis clinicamente, delatando o caráter somático de suas “resoluções” psíquicas:

Os sintomas somáticos invariavelmente envolvem o colapso da capacidade de simbolização do indivíduo e, portanto, da capacidade de elaborar mentalmente o impacto das situações de estresse. Quando a angústia, a aflição, a fúria não-reconhecida, o terror ou a excitação incomum são somatizados em vez de serem reconhecidos e processados mentalmente, o indivíduo submerge numa forma primitiva de pensamento, na qual os significantes são pré-verbais. Em outras palavras, há uma regressão a métodos infantis de lidar com as vivências afetivas. (McDougall, 1997, p. 169)

E é exatamente assim que José consegue lidar com o manancial de afetos e sintomas que o acometem nessa época. Torna-se deprimido, apático, isolando-se do mundo e do convívio com as pessoas. Sua família tem que socorrê-lo tomando conta de seus negócios que também são deixados de lado em prol de sua saúde débil. Ao falar de uma infecção de ouvido aos 18 anos, José relata sobre sua pior fase na vida que lhe parece de uma gravidade mortal. A idéia de morte, representando o limite da regressão a que chegou, parece ser algo muito presente nesse momento.

Interessante e revelador se faz notar que somente após o desaparecimento das diversas manifestações sintomáticas, José, aos 20 anos, envolve-se afetivamente numa relação sem sucesso e consegue perceber que tem um problema sexual – ele fica impotente. A partir daí toda a sua atenção se volta para esse novo problema que parece agrupar em um só órgão – seu pênis – toda a problemática psíquica anteriormente dissolvida num sintoma de “queimação” do corpo como um todo.

O PAI (D)E JOSÉ – A DIFÍCIL BUSCA DA MASCULINIDADE

É justamente no momento de rompimento do noivado e no qual a transferência se faz ainda mais acentuada que José consegue se lembrar e discorrer sobre sua infância. Aparece então uma figura paterna que, segundo ele, marca-o ainda hoje. Ele reconhece o quanto esteve e está identificado com esse pai ao repetir, profissionalmente, exatamente os mesmos passos que ele que trabalhava muito, sem parar, desde criança e assim conseguiu manter sua família. Há uma admiração muito grande de José por este pai rígido, dedicado ao trabalho mas um pesar, um rancor por suas ausências e seu silêncio. José não se sentia importante para seu pai que nunca tinha tempo para brincar ou passear com ele. Restou-lhe aproximar-se do pai através de suas realizações que copiavam de certa forma o modo de ser do pai numa certa obsessão pelo trabalho.

É pelo trabalho que José tenta eliminar sua sensação de “não-ser” que o faz se sentir ninguém perante o pai e todos outros, vale o grifo, *homens*. Diante do mundo ele se sente impotente, esse é o seu segredo, e para não ter que admitir ou revelar isso, esconde-se na realização de coisas que levam o seu nome (mesmo de seu pai). O problema é que de alguma forma ele sabe que tudo não passa de uma farsa e que mesmo que os outros o reconheçam, ele sabe que não é ninguém. Manter-se nessa posição (feminilizada sob a égide paterna – Dor, 1991) parece ser o que mais lhe dói e alimenta ao mesmo tempo da sua reiterada necessidade de se comparar com os outros homens que sempre considera superiores a si – “os doutores” como ele mesmo se refere. Diz sentir certo ódio e rancor toda vez que vê um homem que lhe aparenta sucesso profissional (seu pai simbólico?).

A relação com o pai real superior que de certa forma lhe dizia ser impossível alcançá-lo parece tê-lo aprisionado numa admiração rancorosa que lhe permitiu mostrar-se socialmente como um homem de sucesso, sua marca identificatória de masculinidade, assim como o pai-fálico introjetado, mas que internamente sabe de si como ninguém e o faz impotente perante as mulheres. Para ter o falo ou parecer que o tem, José abriu mão de seu pênis (retraimento que aparece na transferência) para não competir sexualmente com o homem-poder que lhe parecia ser o pai-ausência, mas parece ter permanecido sem ele daí por diante. Ele se *sente impotente* e na intimidade, ao contrário do lugar público, não consegue esconder isso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DOR, Jöel. *O pai e sua função em psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.
- FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago: 1996. Textos citados:
- “A dinâmica da transferência” (1912). Vol. XII.
 - “Recordar, repetir e elaborar (Novas recomendações sobre a técnica da Psicanálise II)” (1914). Vol. XII.
- MCDUGALL, Joyce. *As múltiplas faces de Eros*. Uma exploração psicanalítica da sexualidade humana. São Paulo: Martins Fontes, 1997.